

FMABC investiga cerca de 500 casos de dislexia em 5 anos

DIAGNÓSTICO. São realizadas em média 15 consultas por profissionais como médicos e psicólogos

FMABC investiga cerca de 500 casos de dislexia em 5 anos

Do total, 171 foram diagnosticados com o transtorno, que é caracterizado por problemas na ortografia e fluência de palavras

O NEA (Núcleo Especializado em Aprendizagem) do Centro Universitário FMABC (Faculdade de Medicina do ABC), em Santo André, atendeu a 483 casos de pacientes com suspeita de dislexia entre 2019 e 2024, sendo que 171 deles foram diagnosticados com o transtorno (35%). O estudo é parte de uma série de ações do núcleo voltadas para a campanha mundial de outubro, mês da conscientização sobre a dislexia.

Outros 50 foram considerados com potencial risco de dislexia, sendo encaminhados para reavaliação dentro do prazo de 12 meses. Nessas situações o diagnóstico ainda não foi fechado por conta de os pacientes ainda não terem passado por dois anos de ensino formal e contínuo ou por existirem suspeitas de outros transtornos. Os casos analisados são de crianças que moram principalmente no Grande ABC. As queixas geralmente são de dificuldade de aprendizagem e alfabetização.

“Nossa região tem muita conscientização sobre o tema e proximidade com as escolas

para fazer um trabalho conjunto. Nosso ambulatório na FMABC tem o padrão ouro no atendimento à dislexia. Então, a procura é grande”, explica a coordenadora do Núcleo, Alessandra Caturani.

A neuropsicóloga e psicopedagoga destaca que para diagnosticar a dislexia com precisão é fundamental que sejam verificados outros possíveis transtornos do neurodesenvolvimento, como TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade), TEA (Transtorno do Espectro Autista) e Transtorno da Comunicação.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, a dislexia é um transtorno do neurodesenvolvimento, de origem neurobiológica, caracterizada por problemas no reconhecimento preciso ou fluente de palavras, problemas de decodificação e dificuldades na ortografia. Isso resulta em déficit no componente fonológico da linguagem não esperado em relação à idade. Presume-se que o transtorno possa atingir até 15% da população mundial.

“Acredito que profissionais da pediatria e da pedagogia precisam ser incentivados a buscarem informações sobre os transtornos de desenvolvimento para que possam reconhecer os sinais ainda no final da educação infantil. Assim é possível fazer o acompanhamento da criança e evitar que ela fique frustrada com suas dificuldades. Isso traz tristeza, depressão e desengajamento social”, completa Alessandra.

Os diagnósticos são realizados em abordagem interdisciplinar, que conta com uma média de 15 consultas realizadas por médicos, psicólogos, psicopedagogos e fonoaudiólogos, além da solicitação de exames oftalmológicos e de audiometria, relatórios escolares, médicos e dos profissionais da área multidisciplinar externos que acompanham os pacientes em terapias e aplicação de escalas de rastreio enviadas às escolas.

Durante os meses de outubro e novembro, a equipe do NEA-FMABC realizará ações sobre a dislexia com o tema “Diagnóstico não é rótulo, é direito e direcionamento”.

da Redação

